



Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

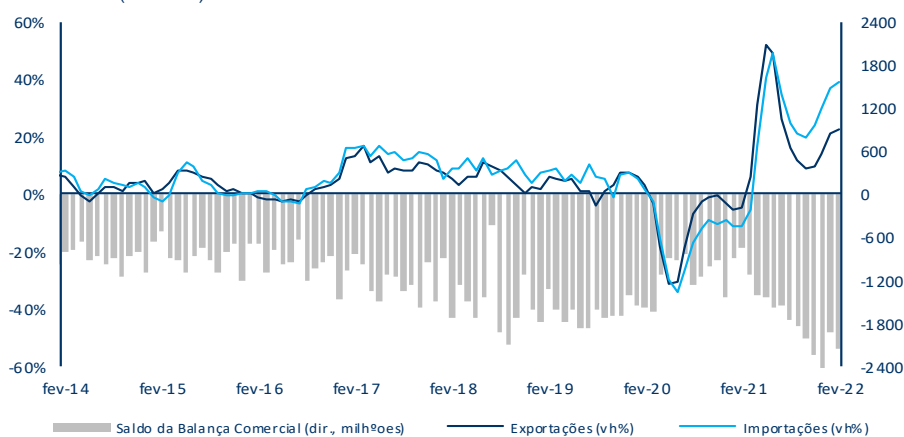
1. Economia e Mercados Financeiros

1.1 Economia

Portugal. De acordo com o INE, as **exportações** e as **importações** de bens registaram variações homólogas de 20.3% e 42.3% em fevereiro, após 22.6% e 38.0% no mês anterior, respetivamente. Quando comparado com os níveis observados em fevereiro de 2020, o crescimento é igualmente positivo: 23.2% e 26.3%, pela mesma ordem.

Por categorias de bens, merece destaque o crescimento das exportações e importações de *fornecimentos industriais* (30.8% e 44.2%) e *importações de combustíveis e lubrificantes* (133.5%), neste caso reflexo do substancial incremento dos preços energéticos em comparação com os praticados no mesmo período do ano anterior. *Excluindo combustíveis e lubrificantes*, as exportações e as importações cresceram 17.5% e 31.6%.

Portugal: Crescimento das exportações e das importações (vh%, mm3m) e Saldo comercial dos bens (milhões)



Fonte: INE

O défice do **saldo da balança comercial de bens** registou uma redução €1412 milhões face ao mês homólogo, fixando-se em €2154 milhões. Excluindo Combustíveis e lubrificantes, o défice correspondeu a €1276 milhões de euros, mais €807 milhões face a fevereiro de 2021.

O **Índice de Volume de Negócios na Indústria** registou um crescimento homólogo de 23.2% em fevereiro, após 18.7% no mês precedente. Excluindo a categoria *Energia*, as vendas na indústria aumentaram 20.1%. O crescimento no mercado nacional e no mercado externo ascendeu a 22.8% e 23.8%, depois de 12.3% e 28.0% em janeiro.

Área Euro. O indicador **Sentix** respeitante à avaliação que os gestores de carteira fazem da conjuntura económica voltou a deteriorar-se em abril. O índice caiu 11.0 pontos, para -18.0, tendo registado uma queda acumulada de 34.6 pontos nos dois últimos meses, correspondendo a um nível associado a períodos de contração da economia. O indicador referente à Alemanha sofreu um maior decréscimo, 11.9 pontos para 17.1, atingindo igualmente valores associados a recessão. A componente relativa às *Expectativas* diminuiu para o valor mínimo desde janeiro de 2009. Os indicadores de sentimento europeus continuam a revelar um impacto mais considerável do que os de outras regiões, casos da Ásia e dos EUA.

PMI. Em março, os **indicadores PMI** revelaram ainda uma ligeira moderação, tanto na indústria, como nos serviços. O dado global referente à *indústria* desceu de 54.7 pontos para 54.0, enquanto a

redução no caso dos *serviços* correspondeu a 0.2 pontos, para 55.1. Ambos os indicadores foram afetados por dois fatores: (i) o conflito na Ucrânia e (ii) o aumento de infeções por Covid-19, sobretudo na China. Enquanto o primeiro choque contribui diretamente para o aumento da inflação global, o segundo reforça o risco de as pressões da cadeia de abastecimento a partir da Ásia contribuírem para um crescimento ainda mais elevado dos preços dos bens.

Bancos Centrais. Nas atas da **Reserva Federal** referentes ao Conselho de Governadores (CG) de março, constata-se que os responsáveis debateram a necessidade de progredir com a normalização da política monetária, quer via aumento da taxa de juro diretora, quer através da redução dos títulos detidos no balanço. No primeiro caso, os participantes referiram que *“um ou mais aumentos de 50 p.b. da Fed Fund poderiam ser mais apropriados em CG futuros, particularmente se as pressões inflacionistas se mantiverem elevadas”*. Em relação ao segundo caso, *“concordaram em geral”* num montante máximo de redução mensal de \$60 mil milhões em títulos do Tesouro e \$35 mil milhões em títulos garantidos, o que totaliza \$95 mil milhões por mês. Este ritmo de redução será atingido gradualmente em três meses, com um provável anúncio no CG de maio. Durante a semana, a vice-presidente Lael Brainard sublinhou a importância do controlo da inflação, defendendo que a redução do balanço deveria começar em maio e a um *“ritmo rápido”*. O Presidente da Reserva de St. Louis, James Bullard considerou que o necessário ajuste do nível da taxa de juro diretora, embora em curso, se encontra *“atrasado”*, apontando para um valor de 3.5% da banda superior do intervalo no final do processo de ajuste.

O **BCE** divulgou igualmente as atas do CG de março, as quais deixam transparecer um ambiente de maior preocupação com a magnitude da aceleração dos preços, apesar de terem sido reconhecidos riscos relacionados com um período de estagflação. Diversos membros revelaram uma preocupação elevada com o risco de persistência de uma inflação alta, considerando que tal exige a normalização imediata da política monetária.

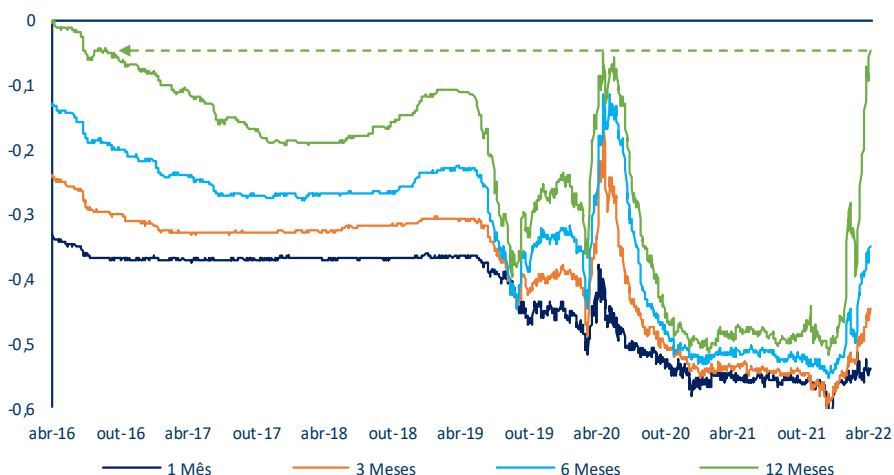
O **Banco Nacional da Polónia** aumentou a taxa de referência em 100 p.b. para 4.50%, o nível mais alto desde novembro de 2012, um incremento superior às expectativas (50 p.b.). Este incremento, o sétimo consecutivo, visa combater as pressões inflacionistas. O **Banco Central da Rússia** reduziu a respetiva taxa de juro de referência em 300 p.b., 17.00%, refletindo uma alteração no equilíbrio dos riscos de crescimento acelerado dos preços no consumidor vs. abrandamento da atividade económica e riscos para a estabilidade financeira.

1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, 8 de abril às 13h00)

Nos mercados financeiros, a volatilidade registou um incremento em todas as classes de ativos, continuando a ser condicionada por diversas fontes de incerteza, com destaque para (i) a evolução do conflito armado na Ucrânia e (ii) as consequências das sanções internacionais à Rússia, (iii) o ritmo de agravamento da política monetária nos EUA, (iv) o aumento recente das pressões inflacionistas a nível global e (v) os constrangimentos à produção na China, resultado dos confinamentos impostos com o intuito de controlar a pandemia. As *yields* das obrigações mantiveram a tendência de agravamento, enquanto as classes de maior risco terminaram com perdas, caso das ações e de algumas matérias-primas.

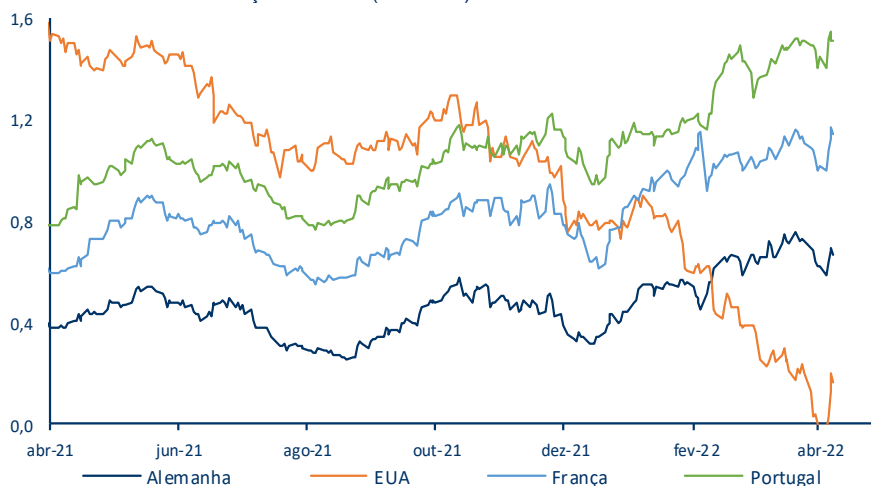
No **mercado monetário**, as taxas Euribor em todos os prazos de referência tiveram um aumento generalizado, refletindo o agravamento das condições financeiras de curto prazo após as atas do BCE (reunião de março) terem evidenciado uma maior propensão para acelerar a redução das compras de ativos até ao final do ano. A taxa de juro dos 12 meses (+3.8 p.b., para -0.048%) fixou-se no nível mais elevado desde agosto de 2016. A curva de futuros da Euribor a 3 meses registou variações positivas em todas as maturidades, mantendo-se a expectativa de valores positivos a partir de dezembro/2022 (0.36%).

Evolução das taxas Euribor (%)



As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia**, a 10 anos, acentuaram a tendência de subida, com um movimento de +16 p.b. em termos médios, mais acentuado no caso da Itália (+25 p.b.) e Portugal (+21 p.b.), fixando-se em 2.35% e 1.60%, respetivamente, os valores mais elevados desde março de 2020 e fevereiro de 2019. Na Alemanha, a variação foi de +11 p.b. (0.67%), pelo que o *spread* de Portugal alargou para 93 p.b.. Nos **EUA**, as *yields* de longo prazo terminaram com incrementos superiores aos de curto prazo, o que se refletiu numa recuperação da inclinação da curva de rendimentos. A *yield* a 10 anos (2.67%) atingiu o valor mais elevado desde março de 2019.

Taxas de soberanos: Inclinação da curva (10-2 anos)



Os principais **índices acionistas** voltaram a registar quedas na maioria das regiões, sobretudo os setores mais alavancados, reagindo em baixa ao aumento das taxas de juro e interrompendo três semanas de valorização no caso norte-americano dado o contexto geopolítico ainda de forte incerteza e inflação elevada.

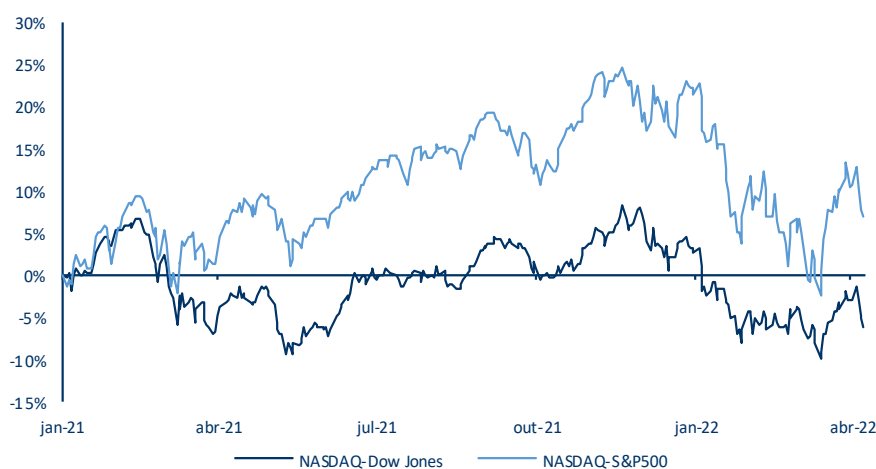
Nos EUA, o *Russel2000* e o *NASDAQ* lideraram as perdas, com variações de -3.9% e -3.4%, enquanto o *Eurostoxx600* na Europa valorizou 0.5%, repartido entre a descida do *CAC* francês (-2.1%) e do *DAX* alemão (-1.3%), e as valorizações nos índices de Portugal (*PSI*: 0.5%) e de Itália (*MIB*: 1.4%). Os setores defensivos sobressaíram pela positiva, caso das *utilities* (3.4%) e da *saúde* (4.9%), ao contrário do *tecnológico* (-3.6%) e do *industrial* (-3.1%). Nos países emergentes, o *MSCI*

perdeu 1.7%, liderado pelo mercado russo (-7.0%) devido às sanções aplicadas ao setor mineiro/energético.

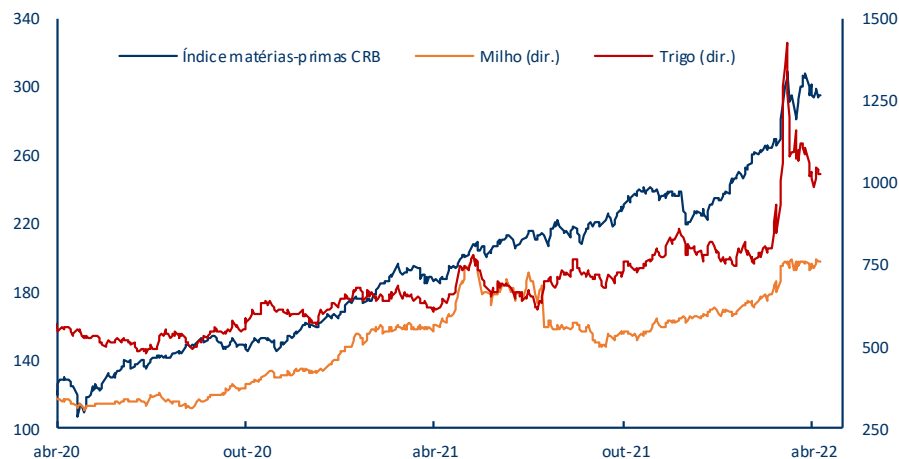
No **mercado cambial**, o *dólar* efetivo apreciou 1.3% na semana e encerrou num máximo desde maio de 2020, tendo beneficiado da perspetiva de maior agressividade por parte da *Fed* no que concerne ao ritmo de aumento da taxa de juro diretora. Em termos anuais, o *dólar* regista uma apreciação de 4.6% face ao *euro* e 7.8% contra o *iene* japonês.

Nas **matérias-primas**, a cotação do petróleo recuou cerca de 4% para \$101.5/bbl, no caso do *brent*, com o anúncio de libertação de maiores volumes de reservas por parte dos EUA e da AIE. Em contraste com a maioria dos metais que desvalorizou, o preço dos bens agrícolas manteve a tendência de subida (trigo: +3.9%; soja: +4.3%; açúcar: +3.1%).

EUA: Diferencial NASDAQ/Dow Jones e NASDAQ/S&P500 (% 2021/22)



Evolução da cotação do milho (\$), do trigo (\$) e índice de matérias-primas CRB (\$)



Fonte:

2. Temas da semana

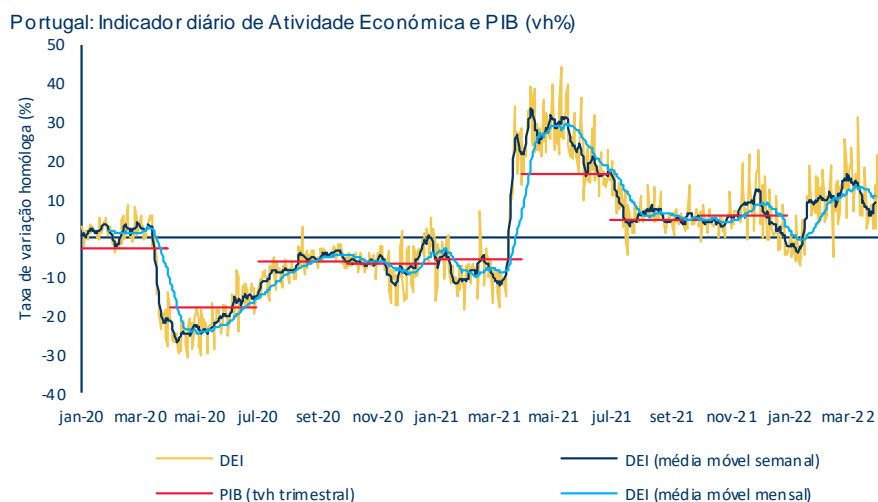
2.1 Banco de Portugal – Indicador Diário de Atividade Económica

O Banco de Portugal (BdP) divulga semanalmente o indicador diário de atividade económica (DEI) construído com recurso a indicadores de alta frequência e de periodicidade diária e cujo principal objetivo é contribuir para as projeções de evolução da atividade, em particular num contexto de elevada incerteza e volatilidade.

Este indicador procura retratar em tempo quase real a evolução da economia portuguesa. São consideradas variáveis diárias como: (i) o tráfego rodoviário de veículos comerciais pesados nas autoestradas, (ii) o consumo de eletricidade e de gás natural, (iii) a carga e correio desembarcados nos aeroportos nacionais e (iv) as compras efetuadas com cartões em território nacional.

Na semana terminada a 3 de abril, o DEI aponta para uma variação homóloga da atividade superior à observada na semana anterior.

Considerando a informação conhecida até 31 de março, a média móvel semanal do indicador registou um crescimento de 8.9%, o que compara favoravelmente com 7.6% na semana anterior. A tendência de abrandamento que se verificava desde o início de março, quando atingiu uma variação de 14.2%, em termos homólogos, foi interrompida nas duas últimas semanas.



Após a quebra mais acentuada em janeiro, devido ainda ao impacto do aparecimento da Ómicron no início de dezembro, o indicador manteve um comportamento homogéneo nos últimos dois meses, com variações mensais de 10.9% e 10.8%, terminando os últimos 90 dias com uma média de 8.4%.

A correlação existente entre o DEI e a atividade económica aponta para um crescimento do PIB no primeiro trimestre superior aos dois últimos trimestres de 2021. Este ritmo de expansão beneficia do efeito da contração verificada há um ano atrás, correspondendo ao último confinamento e ao início das campanhas de vacinação. Em cadeia, segundo o BdP, o PIB crescerá apenas 0.1%, em termos

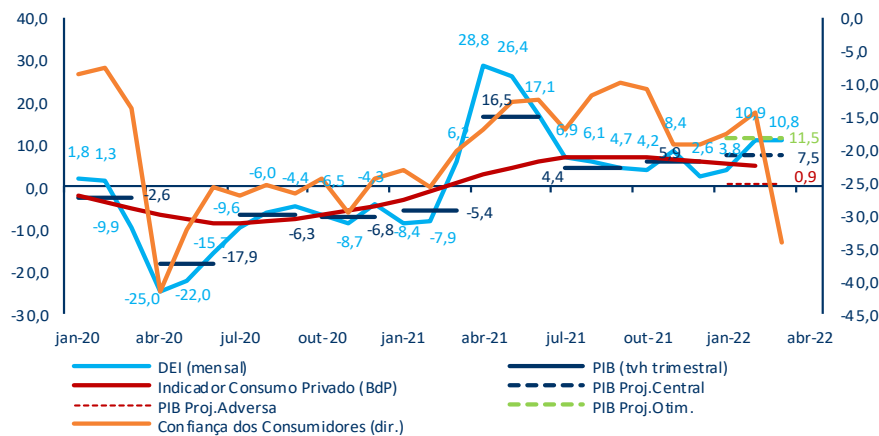
reais.

Assumindo os dados do DEI relativos ao primeiro trimestre, e em termos médios mensais, é possível extrapolar um crescimento real do PIB de cerca de 7.5%.

Tendo em consideração observações extremas entre as duas séries, o PIB homólogo poderia vir a fixar-se no primeiro trimestre entre 9.0% e 11.5%. A mediana dos analistas, em termos de consensos de mercado, aponta atualmente para 9.3%. A confirmar-se o cenário central do BdP de crescimento anual de 4.9% será expectável um abrandamento do DEI durante os próximos meses.

Nos últimos meses, o consumo privado tem vindo a abrandar após uma maior utilização das poupanças acumuladas. Contudo, o recente contexto de incerteza internacional, o aumento dos custos energéticos e a interrupção de cadeias de produção e de distribuição contribuirão para intensificar as pressões inflacionistas e limitar o dinamismo económico. A evolução do consumo deverá acompanhar a quebra já visível da confiança dos consumidores, a qual recentemente desceu para o nível mais baixo desde o início da pandemia.

Portugal: DEI, PIB (vh%), Confiança dos Consumidores e Cons.Privado



Fonte: BdP, INE

2.2 Banco de Espanha - Projeções macroeconómicas para a economia espanhola (2022-24)

O Banco de Espanha (BdE) divulgou esta semana as **Projeções macroeconómicas para a economia espanhola (2022-2024)**. Tal como em relação a outros países da União Europeia, o enquadramento externo caracteriza-se pela elevada incerteza face aos desenvolvimentos geopolíticos na Europa de Leste, que criaram um quadro económico e político de elevada imprevisibilidade.

À semelhança de Portugal, os fluxos comerciais entre Espanha e a Rússia são muito reduzidos, pelo que o impacto do conflito na economia espanhola através deste canal direto é limitado. Em 2019, as exportações de bens para a Rússia e para a Ucrânia representaram apenas 1.6% e 0.3%, respetivamente, do total das exportações de bens, enquanto as importações correspondem a 1.1% e 0.5%, pela mesma ordem.

O impacto irá materializar-se através de outros canais, em particular através da quota considerável da Rússia e da Ucrânia na produção e exportação de energia, alimentos e produtos metálicos, o que influencia os custos relacionados com estes bens nos mercados internacionais, independentemente da sua origem. O aumento do custo das mercadorias terá uma influência significativa nas decisões

de compra de famílias e de empresas. De acordo com o que alguns indicadores já estão a sinalizar, a guerra irá também agravar os constrangimentos junto da oferta de diversos setores, contribuindo para o arrefecimento da atividade no setor industrial.

Estes fatores serão parcialmente compensados pelo impulso positivo do pacote fiscal aprovado no final de março para mitigar o impacto da guerra, o lançamento dos projetos de investimento do pacote *NextGenerationEU* (NGEU), a manutenção de condições de financiamento favoráveis (embora menos acomodáticas do que no passado) e a menor incerteza em torno da pandemia. Os governos de Espanha e Portugal enviaram à Comissão Europeia uma proposta que limita, dentro do mercado ibérico, os preços do gás para as centrais elétricas alimentadas a 30 €/MWh, o que poderia resultar num impacto significativo nos preços pagos pelos consumidores.

O BdE estima um crescimento do PIB de 4.5% em 2022, 2.9% em 2023 e 2.5% em 2024, o que comparando com as projeções publicadas em dezembro de 2021, representa uma revisão em baixa de 0.9 p.p. para 2022 e 1.0 p.p. para 2023, embora em alta (0.7 p.p.) para 2024.

Em relação à inflação, o BdE estima que o crescimento do IHPC *pass*e de 3.0% em 2021 para 7.5% em 2022 (+3.8 p.p. face a dezembro), em função de leituras muito elevadas da variação homóloga no primeiro semestre de 2022, derivado do aumento dos preços da energia e das mercadorias não energéticas. Nos anos seguintes, o crescimento dos preços deverá abrandar gradualmente (2.0% em 2023 e 1.6% em 2024).

Projeções para 2022-24 | Taxa de variação anual em percentagem (exceto onde indicado)

	2020	2021	abr-22			dez-21		
			2022	2023	2024	2022	2023	2024
Produto interno bruto	-10.8	5.1	4.5	2.9	2.5	5.4	3.9	1.8
Consumo privado	-12.0	4.6	4.5	3.9	2.4	5.1	5.2	2.2
Consumo público	3.3	3.1	-0.3	0.8	1.2	-0.2	0.7	1.5
Formação bruta de capital fixo	-9.5	4.3	4.5	2.1	2.5	7.8	3.7	2.1
Exportações	-20.1	14.7	12.0	3.8	3.7	9.1	4.6	3.1
Importações	-15.2	13.9	9.0	3.3	2.9	6.5	4.8	3.7
Contributo para o crescimento do PIB (em pp)								
Procura interna	-8.6	4.6	3.3	2.7	2.1	4.4	3.9	1.9
Procura externa líquida	-2.2	0.5	1.2	0.2	0.4	1.0	0.0	-0.1
Emprego (horas trabalhadas)	-10.6	7.0	1.9	2.0	1.6	3.8	2.8	1.3
Taxa de desemprego (a)	15.5	14.8	13.5	13.2	12.8	14.2	12.9	12.4
IHPC	-0.3	3.0	7.5	2.0	1.6	3.7	1.2	1.5
Excluindo bens energéticos e alimentares	0.5	0.6	2.8	1.8	1.7	1.8	1.4	1.6
Balança corrente e de capital (% do PIB)	1.2	1.9	2.7	3.3	3.2	2.9	2.7	2.1
Saldo Orçamental das AP (% do PIB)	-10.3	-6.9	-5.0	-5.2	-4.7	-4.8	-4.0	-3.4
Dívida das Administrações Públicas (% do PIB)	120.0	118.4	112.6	112.8	113.5	115.7	113.7	113.5

Fonte: Banco de España e INE. | Notas: pp - pontos percentuais; (a) Em percentagem da população ativa.

Dada a forte incerteza associada à duração e gravidade da guerra na Ucrânia, o BdE considera que os riscos se encontram enviesados em baixa, no caso da atividade económica, e em alta no caso da inflação, existindo três riscos negativos e um positivo. A saber: (i) um aumento mais acentuado e duradouro dos preços das mercadorias, (ii) uma interrupção total dos fluxos comerciais entre a Rússia e a União Europeia (UE), e (iii) o aparecimento hipotético de efeitos de segunda ordem do aumento dos preços da energia. O risco positivo prende-se com a possibilidade do aumento do consumo por parte das famílias, associado a uma redução mais rápida da poupança excedentária acumulada durante a pandemia. No primeiro e segundo caso, a queda acumulada do PIB face ao cenário base poderia ser de 0.7 p.p. ou 1.3 p.p., enquanto a inflação aumentaria 0.4 p.p. e 1.5 p.p., respetivamente.

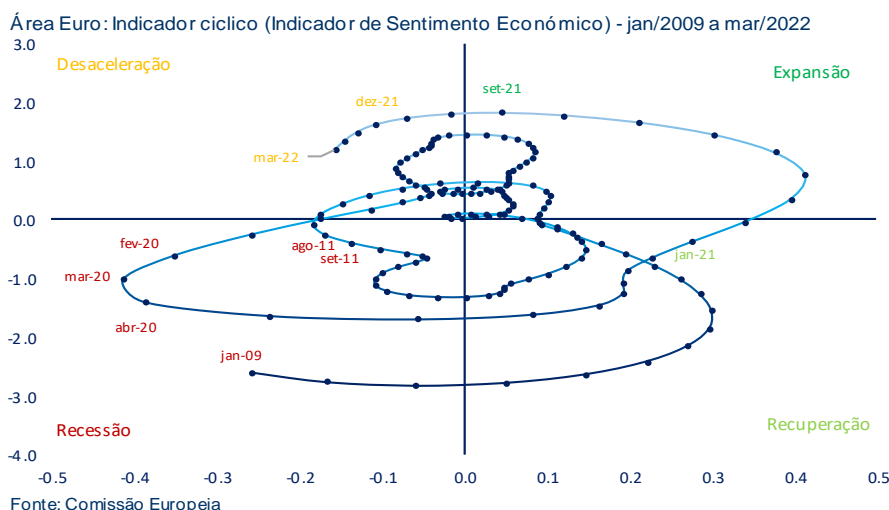
2.3 Área Euro – Risco de estagflação

O termo estagflação descreve um contexto no qual o crescimento económico é baixo e o desemprego elevado, aliado a altos valores de inflação no consumidor.

Embora o desemprego permaneça numa trajetória descendente, e o mercado de trabalho nas principais regiões se encontre muito restrito, o risco do crescimento arrefecer significativamente em simultâneo com leituras elevadas de inflação sofreu um acréscimo. Os primeiros dados de sentimento divulgados após a invasão da Ucrânia, como o ZEW e o IFO, bem como o Sentix e a Confiança dos Consumidores, desceram rapidamente para território associado a recessões anteriores.

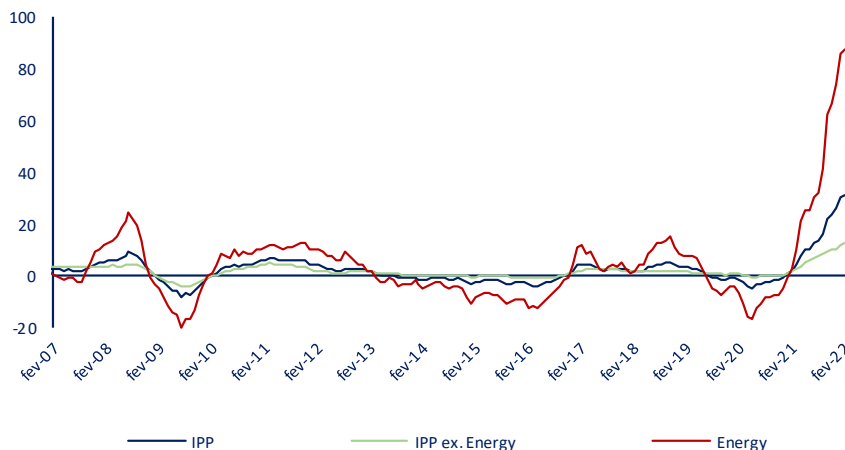
Ainda que permaneça acima da média de longo prazo, o indicador de Sentimento Económico da Comissão Europeia diminuiu expressivamente em março.

Este indicador refletiu em grande medida a queda significativa da confiança dos consumidores no mês em análise. Não obstante, e apesar das expectativas de desemprego terem aumentado em março e das despesas em compras importantes terem diminuído, antecipando um abrandamento do consumo privado, os níveis elevados de poupança resultantes da pandemia constituem um risco ascendente que poderá compensar parte da quebra da confiança das famílias.



O setor industrial permanece especialmente exposto a novos constrangimentos da oferta, assim como à crise energética, com um forte impacto esperado caso a Rússia suspendesse os fluxos energéticos para a Europa. Em fevereiro, considerando que a guerra teve início no final desse mês, o índice de preços no produtor aumentou 31.4% com a componente energética a registar uma variação de 87.2%. Em março, esta leitura deverá acentuar-se devido às necessidades das indústrias intensivas em energia, a qual acabará por se refletir no consumidor. O IHPC subiu para um novo máximo de 7.5% durante o mês de março.

Euro Area: Industrial Production Prices (yoy%)



Source: Eurostat

Esta situação dificulta as decisões do BCE que terá de escolher entre manter os estímulos monetários de suporte à economia ou atenuá-los com o intuito de controlar a inflação, tornando assim as condições financeiras menos acomodáticas, mas arriscando contribuir para uma moderação da atividade económica. Apesar disso, os mercados continuam a esperar aumentos da taxa de juro diretores. Outro fator importante será o apoio orçamental fornecido pelos governos.

Com a pandemia de Covid-19, os apoios concertados entre as várias economias permitiram amortecer de forma significativa o choque negativo sobre a economia. Neste sentido, uma resposta igualmente forte por parte da União Europeia permitirá restringir o impacto da guerra, precavendo uma moderação acentuada da atividade, embora esta esteja sempre dependente da duração e da magnitude da guerra. Em março, diversos governos europeus anunciaram apoios aos consumidores para proteção face ao aumento dos preços da energia.

Políticas nacionais para proteger os consumidores do aumento dos preços da energia

França

- Desconto de combustível de 0,15 €/l de abril-julho (€2 mil milhões)
- Subsídio único de 100€ para pessoas com baixos rendimentos em dezembro (€3,8 mil milhões)
- O limite dos preços do gás prolongou-se até ao final de 2022 (€6,4 mil milhões)

Espanha

- Redução dos impostos sobre a energia até abril (€12 mil milhões)
- Redução de combustível de 0.20 €/l, isenções fiscais, empréstimos às famílias/empresas e limites de preço do gás até junho (€16 mil milhões)

Alemanha

- 1º pacote de ajuda (€15.6 mil milhões): redução dos impostos sobre a electricidade a partir de Julho e aumento dos subsídios para os trabalhadores pendulares e as pessoas dependentes da segurança social
- 2º pacote de ajuda (€14- €16 mil milhões): redução fiscal única de 300€ para indivíduos (+ descontos extra para famílias de baixos rendimentos); redução de 3 meses nos impostos sobre a gasolina (0,30 €/l) e o gasóleo (0,14 €/l);

Itália

- Desconto de combustível de 0.25€/l até Abril; bónus social para electricidade e gás para pessoas com baixos rendimentos até ao fim de 2022; contas de energia podem ser pagas em prestações durante 2 anos; créditos fiscais de empresas para consumo de gás/potência (€20.4 mil milhões)

Portugal

- Subsídios AUTOvoucher aumentados para 20€ durante março e abril
- Taxas de carbono suspensas até junho
- Possíveis limites de preço do gás

A guerra na Ucrânia deverá continuar a pesar no crescimento económico e no aumento da inflação. Os riscos permanecem enviesados para uma moderação da economia europeia à medida que a UE discute sanções ainda mais rigorosas.

As pressões inflacionistas intensificaram-se, obrigando o BCE a acelerar a subtração dos estímulos monetários, enquanto os consumidores e as empresas se tornaram mais cautelosos, o que poderá contribuir para uma forte retração do consumo e investimento privado.

2.2 Banco Mundial – Ásia Oriental e Pacífico – Atualização económica, abril 2022

O Banco Mundial (BM) publicou esta semana a atualização das projeções económicas para a região da Ásia Oriental e Pacífico (EAP), entre as quais se destacam as projeções para a China devido à sua importância para a economia global.

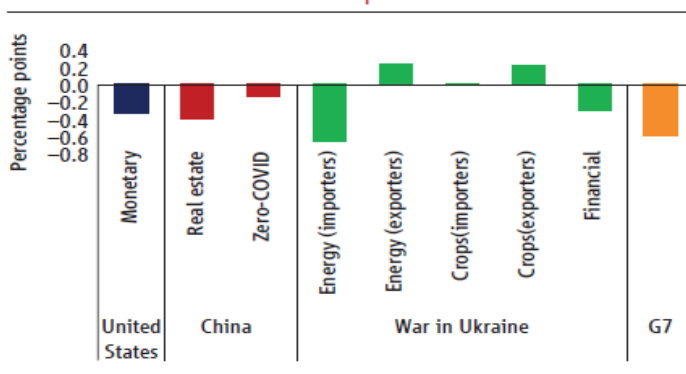
Os choques decorrentes da guerra na Ucrânia estão a condicionar o fornecimento de mercadorias e a aumentar o stress financeiro, reduzindo a confiança, o que contribuirá para o menor crescimento económico da EAP.

Os efeitos negativos da guerra vêm juntar-se não só aos da pandemia persistente, como também aos das condições financeiras agravadas pela inversão de política monetária nos EUA e aos reflexos do crescimento mais lento na China, que enfrenta atualmente um abrandamento estrutural, a desalavancagem do sector imobiliário e uma política de COVID-zero.

Os choques múltiplos são suscetíveis de ampliar as dificuldades que as empresas e famílias já enfrentavam após a pandemia. As empresas em dificuldades serão atingidas por novas perturbações da oferta e da procura, enquanto os particulares assistirão a uma subida acentuada dos preços e a uma diminuição do rendimento disponível.

A crise de COVID-19 impôs uma despesa adicional aos países da região que poderá vir a condicionar a capacidade de ajuda governamental, ao mesmo tempo que a dívida crescente impõe uma pressão fiscal adicional. O aumento da inflação e condições financeiras globais menos favoráveis diminuirão o espaço para a flexibilização monetária.

Figure O.2. The estimated impact on EAP countries' growth of international developments

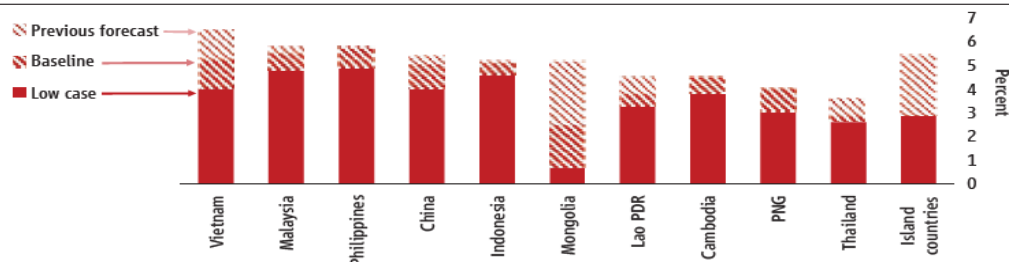


Source: World Bank staff estimates.

O BM estima um crescimento real do PIB na **região EAP** de 5.0% (5.4% projetados anteriormente) em 2022, uma desaceleração face aos 7.2% em 2021 motivada, sobretudo, pelo abrandamento da economia chinesa, cuja projeção central foi igualmente fixada em 5.0%. Num cenário adverso com

piores condições globais e respostas políticas mais fracas, o crescimento do PIB não irá além dos 4.0%, tanto na **China** como na região como um todo. A estimativa para a **inflação** mediana anual na EAP é de 3.0% em 2022, uma previsão acima das expectativas anteriores, devendo ultrapassar o objetivo de inflação dos bancos centrais em vários países. O aumento dos preços dos alimentos e dos combustíveis representa um risco significativo para as perspetivas de inflação, acentuado pelo aumento das saídas de capital.

Figure O.1. Forecasts for growth in 2022



Source: World Bank staff estimates.
Notes: PNG stands for Papua New Guinea.

Os choques da atividade económica na China e nos EUA impactam negativamente o crescimento da região. Na China, há três setores em risco de abrandamento acentuado, nomeadamente a construção, devido aos esforços de redução dos rácios de endividamento, a indústria devido aos esforços de redução das emissões de gases poluente e os serviços, devido aos programas de controlo da COVID-19. Estes são setores chave para o valor acrescentado das exportações dos países EAP.

Adicionalmente, a contração esperada do investimento residencial que deverá condicionar negativamente o setor imobiliário (e que representa cerca de 25% do VAB da China) terá um efeito negativo nas receitas de países vizinhos, assim como no setor bancário chinês. A política de COVID-zero tem-se traduzido em custos mais significativos nos últimos meses, refletindo-se já no abrandamento dos indicadores de confiança PMI, tanto nos serviços como na indústria.

3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, 8 de abril às 13h00)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):			Variação (p.p.):		
	31-dez-21	31-mar-22	8-abr-22	2021	1ºTrim/2022	Semana
EURIBOR Act/360 dias						
1 mês	-0,583	-0,532	-0,541	↓ -0,029	↑ 0,051	→ 0,000
3 Meses	-0,572	-0,458	-0,449	↓ -0,027	↑ 0,114	↑ 0,012
6 Meses	-0,546	-0,367	-0,350	↓ -0,020	↑ 0,179	↑ 0,012
12 Meses	-0,501	-0,073	-0,048	↓ -0,002	↑ 0,428	↑ 0,038
LIBOR USD Act/360 dias						
LIB 1 mês	0,101	0,452	0,451	↓ -0,043	↑ 0,351	↑ 0,014
LIB 3 meses	0,209	0,962	0,986	↓ -0,029	↑ 0,752	↑ 0,024
LIB 6 meses	0,339	1,470	1,502	↑ 0,081	↑ 1,131	↑ 0,013
LIB 12 meses	0,583	2,101	2,243	↑ 0,241	↑ 1,518	↑ 0,072

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):			Variação (p.p.):		
	31-dez-21	31-mar-22	8-abr-22	2021	1ºTrim/2022	Semana
Portugal	0,465	1,352	1,596	↑ 0,435	↑ 0,887	↑ 0,217
Espanha	0,565	1,436	1,661	↑ 0,518	↑ 0,871	↑ 0,189
Grécia	1,338	2,673	2,845	↑ 0,710	↑ 1,335	↑ 0,162
Itália	1,172	2,039	2,345	↑ 0,629	↑ 0,867	↑ 0,252
França	0,198	0,980	1,228	↑ 0,536	↑ 0,782	↑ 0,206
Alemanha	-0,177	0,548	0,670	↑ 0,392	↑ 0,725	↑ 0,115
Reino Unido	0,971	1,610	1,726	↑ 0,774	↑ 0,639	↑ 0,118
Suíça	-0,135	0,602	0,694	↑ 0,415	↑ 0,737	↑ 0,082
EUA	1,510	2,338	2,672	↑ 0,597	↑ 0,828	↑ 0,289
Japão	0,071	0,220	0,230	↑ 0,050	↑ 0,149	↑ 0,005

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado			Variação (%):		
	31-dez-21	31-mar-22	8-abr-22	2021	1ºTrim/2022	Semana
Eurostoxx 600	488	456	461	↑ 22,2%	↓ -6,5%	↑ 0,5%
IBEX	8714	8445	8622	↑ 7,9%	↓ -3,1%	↑ 1,4%
CAC	7153	6660	6546	↑ 28,9%	↓ -6,9%	↓ -2,1%
DAX	15885	14415	14264	↑ 15,8%	↓ -9,3%	↓ -1,3%
FTSE	7385	7516	7631	↑ 14,3%	↑ 1,8%	↑ 1,2%
PSI20	5569	6037	6129	↑ 13,7%	↑ 8,4%	↑ 2,3%
S&P 500	4766	4530	4500	↑ 26,9%	↓ -4,9%	↓ -1,0%
Nasdaq	15645	14221	13777	↑ 21,4%	↓ -9,1%	↓ -3,4%
Topix	1992	1946	1897	↑ 10,4%	↓ -2,3%	↓ -2,4%
MSCI Emerg	1232	1142	1126	↓ -4,6%	↓ -7,3%	↓ -1,7%
Shanghai	3640	3252	3252	↑ 4,8%	↓ -10,6%	↓ -0,9%

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado			Variação (%):		
	31-dez-21	31-mar-22	8-abr-22	2021	1ºTrim/2022	Semana
EUR/USD	1,1370	1,1067	1,0870	↓ -6,9%	↓ -2,7%	↓ -1,6%
EUR/JPY	130,90	134,67	134,87	↑ 3,7%	↑ 2,9%	↓ -0,3%
EUR/GBP	0,8413	0,8424	0,8361	↓ -5,9%	↑ 0,1%	↓ -0,7%
EUR/AOA	632,42	494,61	473,83	↓ -20,5%	↓ -21,8%	↓ -3,4%
EUR/MZN	72,61	70,80	69,44	↓ -20,6%	↓ -2,5%	↓ -1,5%
Petróleo (Brent \$)	77,46	106,60	101,47	↑ 51,4%	↑ 37,6%	↓ -4,0%
Petróleo (Crude \$)	76,99	100,28	96,03	↑ 58,7%	↑ 30,3%	↓ -3,3%
Gás Natural (€, TTF)	70,34	125,91	108,72	↑ 267,8%	↑ 79,0%	↓ -3,1%
Ouro (\$)	1829,20	1937,44	1932,69	↓ -3,6%	↑ 5,9%	↑ 0,4%
Prata (\$)	23,31	24,79	24,69	↓ -11,7%	↑ 6,4%	↑ 0,2%
Trigo (\$)	770,75	1006,00	1023,00	↑ 20,3%	↑ 30,5%	↑ 3,9%
Milho (\$)	593,25	748,75	754,00	↑ 22,6%	↑ 26,2%	↑ 2,6%
Níquel (\$)	20757,00	32107,00	33698,00	↑ 24,9%	↑ 54,7%	↑ 1,4%

DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rentabilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.